

# ESCUITA ATIVA E EXPERIÊNCIA DE LEITURA INTERMIDIÁTICA NA AUDIOSSÉRIE “FRANÇA E O LABIRINTO”

Júlia Mendes de Miranda (UNEB)  
[contatojuliamdemiranda@gmail.com](mailto:contatojuliamdemiranda@gmail.com)  
Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB)  
[profbethliteratura@gmail.com](mailto:profbethliteratura@gmail.com)

## RESUMO

O avanço das mídias digitais reconfigurou a produção e a recepção de narrativas, abrindo caminho para novas formas de leitura que transcendem o texto escrito. Nesse contexto, o *podcast* emerge como um meio que articula voz, escuta e *performance* sonora, proporcionando imersão auditiva do ouvinte-leitor. Este estudo investigou como essa experiência imersiva vem redefinindo práticas de leitura ao integrar elementos narrativos à mídia sonora. Para tanto, a pesquisa adotou uma metodologia qualitativa e comparativa, a partir da análise da audiossérie “França e o Labirinto”, protagonizada por Selton Mello, produzida pelo Jovem Nerd e disponível na plataforma de áudio Spotify, que utiliza o áudio binaural para simular a percepção auditiva do protagonista. A análise fundamentou-se na intermedialidade a partir dos estudos de (Rajwesky, 2020), (Clüver, 2012); nas práticas de leitura contemporâneas com (Jenkins, 2009); (Vanassi, 2007) e (Viana, 2020). Desse modo, a pesquisa revelou que ao deslocar a leitura para um campo sensorial auditivo, a escuta transcende a recepção passiva e o *podcast* expande a compreensão da literatura e da recepção textual, configurando-se como uma forma de leitura intermidiática.

### Palavras-chave:

*Podcast*. Escuta ativa. Leitura intermidiática.

## ABSTRACT

The advancement of digital media has reconfigured the production and reception of narratives, paving the way for new forms of reading that transcend written text. In this context, the podcast emerges as a medium that articulates voice, listening, and sound performance, providing auditory immersion for the listener-reader. This study investigated how this immersive experience is redefining reading practices by integrating narrative elements into sound media. To this end, the research adopted a qualitative and comparative methodology, based on the analysis of the audio series “França e o Labirinto”, starring Selton Mello, produced by Jovem Nerd and available on the Spotify audio platform, which uses binaural audio to simulate the protagonist’s auditory perception. The analysis drew upon the concept of intermediality, as explored in the studies by (Rajwesky, year) and (Clüver, 2012), and on contemporary reading practices, as discussed by (Jenkins, 2009), (Vanassi, 2007), and (Viana, 2020). Thus, the research revealed that by shifting reading to an auditory sensory field, listening transcends passive reception, and the podcast expands the understanding of literature and textual reception, configuring itself as a form of intermedial Reading

### Keywords:

*Podcast*. Active listening. Intermedia reading.

## 1. A leitura na era digital

A contemporaneidade tem sido inegavelmente marcada pela revolução tecnológica, que tem redefinido as estruturas sociais, culturais e comunicacionais em um ritmo sem precedentes. Nesse cenário de transformações vertiginosas, a mídia digital não se apresenta como um mero instrumento externo,

mas como um componente intrínseco à própria sociedade, moldando as formas pelas quais os indivíduos vivem, interagem e atribuem sentido às suas experiências. Essa interconexão profunda entre mídia digital e sociedade tem gerado uma proliferação de novas modalidades textuais e narrativas, que desafiam as concepções tradicionais de leitura e escrita, expandindo-as para além dos limites do texto impresso. A linguagem, em suas múltiplas manifestações, permanece como o alicerce fundamental para a constituição das subjetividades e da intersubjetividade, e, nesse contexto, novas formas de ser demandam, invariavelmente, novas formas de expressão (Ramazzina Ghirardi; Rajewsky; Diniz, 2020, p. 13).

A era digital, com sua vasta gama de dispositivos e plataformas, tem levado a uma reavaliação crítica do que significa “ler”. Se antes a leitura era quase sinônimo da decodificação visual de caracteres impressos em um suporte físico, hoje ela se manifesta em múltiplas interfaces e modalidades sensoriais. A saturação midiática, caracterizada pela constante exposição a informações e narrativas em diversos formatos, impulsiona a busca por novas formas de engajamento que se adaptem ao ritmo acelerado e às demandas cognitivas do século XXI. É nesse cenário que a escuta emerge como uma modalidade de leitura com crescente proeminência, transformando o ato de ouvir em um processo ativo e interpretativo.

A capacidade de “ler com os ouvidos” não é apenas uma metáfora, mas uma realidade que exige novas ferramentas conceituais e analíticas para ser plenamente compreendida. A profusão de estímulos e a demanda por multitarefas na contemporaneidade encontram na escuta uma modalidade de consumo de conteúdo que se adapta de forma singular a diferentes contextos e ritmos de vida. Longe de diminuir a profundidade da experiência, essa integração ao cotidiano a redefine e a torna mais acessível. Maryanne Wolf (2019), em *O cérebro no mundo digital*, discute os desafios e as transformações da leitura na era digital. Nesse cenário, a escuta ativa de *podcasts* tem sido reconhecida como uma resposta adaptativa a essas novas demandas cognitivas, complementando a atenção visual fragmentada e oferecendo uma alternativa valiosa para o consumo de narrativas e informações em um mundo cada vez mais visualmente saturado e polifônico.

Este artigo propõe-se a investigar como a experiência imersiva proporcionada pelos *podcasts* reconfigura as práticas de leitura, especialmente na audiossérie “França e o Labirinto”, demonstrando que, ao deslocar o foco da leitura para um campo sensorial auditivo, o *podcast* não apenas expande a compreensão da literatura e da recepção textual, mas também se consolida como uma forma complexa e rica de leitura intermediária.

## 2. Escuta ativa e o “ouvinte-leitor”

Nesse contexto de reconfiguração digital, a escuta ativa transcende a mera captação passiva de ondas sonoras, configurando-se como um processo cognitivo e interpretativo que mobiliza a construção de imagens mentais, a compreensão de enredos, a identificação com personagens e a decodificação de múltiplos códigos sonoros, tudo mediado pela linguagem auditiva. A história da leitura, como nos mostram Chartier e Cavallo (1998), é uma trajetória de contínuas mutações, na qual o ato de ler se adapta aos suportes, às tecnologias e às práticas culturais de cada época. Se, por um lado, a hegemonia da escrita e da imagem tem dominado o cenário da leitura por séculos, por outro, a oralidade nunca deixou de ser um vetor fundamental de transmissão de conhecimento e cultura.

Walter Benjamin (1996), em sua reflexão sobre “O Narrador”, já apontava para a potência da transmissão oral de histórias, que se enraíza na experiência e se propaga pela voz, criando uma conexão profunda entre narrador e ouvinte. A era digital, paradoxalmente, reatualiza e amplifica essa tradição oral, oferecendo novos suportes e formatos para a narrativa falada, como exemplifica o *podcast*. Este, enquanto formato de mídia digital, consiste em uma série de arquivos de áudio disponibilizados sob demanda, que articulam a oralidade e a *performance* sonora para proporcionar uma experiência auditiva imersiva. Sua natureza não linear e a possibilidade de personalização do conteúdo permitem ao ouvinte escolher o que ouvir, quando e onde, redefinindo o consumo de narrativas e informações no ambiente digital. Este formato de mídia digital tem suas raízes no conceito de “rádio na internet”, surgido em 1993, que permitiu a distribuição de conteúdo em áudio por meio de arquivos de computador. Com a evolução tecnológica, consolidou-se como um meio de consumo *on demand*, onde programas de áudio podem ser selecionados, baixados e armazenados para serem ouvidos a qualquer momento (Tigre, 2021, p. 26, 28).

A expressão “ler com os ouvidos” pode, à primeira vista, soar como uma provocação ou um paradoxo para aqueles que associam a leitura exclusivamente à decodificação visual de caracteres impressos. No entanto, no contexto da efervescência das mídias digitais e das possibilidades abertas pelos estudos de intermedialidade, essa formulação adquire um sentido profundo e revelador. Ela aponta para uma expansão do próprio conceito de leitura, que transcende a mera apreensão visual para abranger um processo cognitivo e interpretativo que se manifesta através da escuta ativa, transformando-a em uma prática complexa e multifacetada de construção de sentido. O “ouvinte-leitor” não é um receptor passivo, mas um cocriador que, a partir dos estímulos sonoros, constrói mentalmente cenários, personagens e emoções. Essa ativação intensa da imaginação é o cerne da experiência de leitura

no *podcast*, onde a ausência de um suporte visual fixo, que tradicionalmente guia e, por vezes, limita a imaginação, exige do ouvinte uma participação ainda mais ativa na construção do universo narrativo. As inflexões de vozes do narrador e dos atores, a trilha sonora, os efeitos de ambiente e até mesmo os silêncios estrategicamente inseridos tornam-se os “signos” que o ouvinte “decodifica” e interpreta, preenchendo as lacunas com sua própria subjetividade e imaginação.

Essa prática de leitura auditiva é intrinsecamente intermediária, pois mobiliza não apenas a compreensão linguística do que é dito, mas também a percepção estética do som, a memória cultural de outras mídias (como o rádio, o cinema, o teatro), e a capacidade de construir narrativas complexas a partir de estímulos puramente auditivos. A literatura especializada sobre narrativas ficcionais auditivas tem consistentemente demonstrado como a manipulação sonora estimula a imaginação e a imersão do ouvinte, criando universos ricos e detalhados sem a necessidade de imagens visuais.

A escuta ativa, portanto, é uma forma de engajamento que desafia a passividade, promove uma experiência de leitura expandida e reafirma o som como um dos principais vetores de sentido na era digital. Mikhail Bakhtin (2003), em “Estética da criação verbal”, nos lembra que a palavra é sempre dialógica, e no *podcast*, essa dialogicidade se expande para incluir a interação entre a voz, o som e a imaginação do ouvinte, criando um espaço de significação dinâmico e compartilhado, onde o sentido é negociado e construído ativamente. A escuta, nesse sentido, torna-se um ato de profunda imersão e interpretação, redefinindo os limites da experiência leitora. Um exemplo notável dessa potência narrativa e imersiva é a audiossérie “França e o Labirinto”, corpus do trabalho, servindo como um estudo de caso exemplar para a compreensão dessas dinâmicas apontadas anteriormente.

### **3. O *podcast* literário como fenômeno da cultura sonora digital**

No vasto e dinâmico ecossistema das mídias digitais, o *podcast* emergiu como um fenômeno cultural e comunicacional de crescimento vertiginoso nas últimas décadas. Este meio, que habilmente articula a oralidade e a *performance* sonora no ambiente digital, oferece uma experiência imersiva singular. Ele redefine as práticas de leitura ao integrar de forma inovadora elementos narrativos, sonoros e tecnológicos, distanciando-se de uma mera reprodução de formas anteriores de comunicação oral e estabelecendo-se como uma manifestação contemporânea da escuta mediada. A sua ascensão não é meramente uma moda passageira, mas sim o resultado de uma confluência de avanços tecnológicos e uma demanda crescente por conteúdos flexíveis e personalizados. A compreensão do *podcast* como um fenômeno

cultural contemporâneo exige uma análise de sua emergência e das inovações que o consolidaram como um marco da cultura sonora digital.

A gênese do *podcast* está intrinsecamente ligada à história do rádio, que por décadas foi o principal veículo de comunicação oral e narrativa. O rádio, com suas radionovelas, programas de variedades e noticiários, estabeleceu a escuta como uma prática cultural central, treinando gerações para a imaginação auditiva. A capacidade de criar mundos inteiros através da voz, da música e dos efeitos sonoros é uma herança direta do rádio, que preparou o terreno para a aceitação e o sucesso das narrativas auditivas no formato de *podcast*. No entanto, o *podcast* supera a linearidade e a efemeridade do rádio tradicional. Sua natureza *on-demand* e a possibilidade de personalização do conteúdo representam uma ruptura significativa, permitindo que o ouvinte escolha o que ouvir, quando e onde, transformando a experiência de consumo de mídia. Essa mobilidade é um dos pilares da sua popularidade na “cultura sonora digital”, um termo que engloba a vasta gama de produções e consumos de áudio na era da *internet*.

A evolução tecnológica, especialmente a popularização de dispositivos móveis e o acesso facilitado à internet, foi crucial para a consolidação do *podcast*. A capacidade de baixar ou fazer streaming de episódios a qualquer momento liberou o conteúdo de áudio das amarras da programação fixa, característica do rádio. Além disso, as ferramentas de produção de áudio tornaram-se mais acessíveis, democratizando a criação de conteúdo e permitindo uma diversidade de vozes e temas que dificilmente encontrariam espaço nas mídias tradicionais. Essa democratização não apenas enriqueceu o panorama midiático, mas também fomentou a experimentação com formatos narrativos, levando ao surgimento de audiosséries ficcionais, documentários sonoros e programas de entrevistas que exploram as potencialidades do meio auditivo de maneira inovadora. Observa-se, nesse sentido, que na transição de um modelo de leitura predominantemente visual para um modelo que valoriza a dimensão auditiva o *podcast* se posiciona como o principal catalisador dessa mudança. A sua capacidade de combinar a intimidade da voz humana com a sofisticação da produção sonora digital o torna um meio único para a exploração de novas formas de narrativa e de engajamento com o público.

A escuta, tradicionalmente percebida como uma atividade passiva, assume no universo do *podcast* um papel ativo e central na construção de sentido, transformando o ouvinte em um verdadeiro “ouvinte-leitor” engajado. Wolfgang Iser (1979), em “O ato da leitura”, e posteriormente em “O jogo do texto” (2002), já argumentava que a leitura é um processo de preenchimento de lacunas, onde o leitor não é um mero receptor, mas um cocriador que constrói o sentido do texto a partir de sua própria experiência, conheci-

mento prévio e imaginação. No caso da leitura auditiva, essa dinâmica de cocriação se intensifica de maneira notável. A ausência de um suporte visual fixo, que tradicionalmente guia e, por vezes, limita a imaginação, exige do ouvinte uma participação ainda mais ativa na construção do universo narrativo. A voz do narrador, as inflexões dos atores, a trilha sonora, os efeitos de ambiente e até mesmo os silêncios estrategicamente inseridos tornam-se os signos que o ouvinte “decodifica” e interpreta, preenchendo as lacunas com sua própria subjetividade e imaginação. Essa ativação intensa da imaginação é o cerne da experiência de leitura no *podcast*, onde o ouvinte se torna um coautor da narrativa, projetando mentalmente os cenários, os rostos e as emoções sugeridas pelos sons.

A contemporaneidade, com sua profusão de estímulos e a demanda por multitarefas, encontra na escuta uma modalidade de consumo de conteúdo que se adapta de forma singular a diferentes contextos e ritmos de vida. A mobilidade do formato auditivo permite que se “leia” um *podcast* enquanto se realiza outras atividades, dirigindo, caminhando, cozinhando, ou mesmo durante momentos de relaxamento. Longe de diminuir a profundidade da experiência, essa integração ao cotidiano a redefine e a torna mais acessível. A literatura especializada sobre narrativas ficcionais auditivas tem consistentemente demonstrado como a manipulação sonora estimula a imaginação e a imersão do ouvinte, criando universos ricos e detalhados sem a necessidade de imagens visuais (Lima; Santos, 2023).

#### 4. *França e o Labirinto: arquitetura sonora e leitura intermediária*

Figura 1: Capa da Audiossérie.



Fonte: Spotify.

“França e o Labirinto” é uma aclamada audiossérie de suspense policial, uma produção Original Spotify que se destaca por sua inovação e profundidade. Composta por treze episódios envolventes, a série é estrelada

pelo prestigiado ator Selton Mello, que lidera o elenco e convida o ouvinte a uma experiência auditiva sem precedentes. A trama nos introduz a Nelson França, um detetive particular cego. Sua vida é virada de cabeça para baixo quando, décadas após falhar na captura de um temido assassino em série conhecido como “O Labirinto”, ele é forçado a revisitar seu passado. O criminoso, que parecia ter desaparecido, ressurgiu de forma enigmática, arrastando França de volta a um jogo perigoso de gato e rato, no qual seus sentidos aguçados são sua única vantagem. A jornada de Nelson é uma corrida contra o tempo, mergulhando o ouvinte em um mistério complexo e repleto de reviravoltas. Essa obra se configura como um estudo de caso exemplar para compreender as dinâmicas da leitura intermediática na contemporaneidade, especialmente pela forma como explora a transposição midiática, transformando uma narrativa complexa em uma experiência puramente auditiva.

O diferencial e o coração de “França e o Labirinto” residem na sua produção meticulosa em áudio binaural e espacializado. Para uma experiência completa, é fundamental o uso de fones de ouvido, pois o áudio 3D transporta o ouvinte para dentro da cena, permitindo que sons, vozes e ambientes sejam percebidos com direcionalidade e profundidade. Como Selton Mello convida no primeiro episódio (“01. Um corpo na noite”): “Essa série é toda produzida em binaural. Em áudio 3D, então, para onde eu for, você vai comigo, o que houve? Você ouve também como se estivesse lá?”. Os efeitos sonoros expressivos e a trilha sonora de tensão são mais do que simples acompanhamentos; eles são elementos narrativos cruciais que constroem a atmosfera e intensificam o suspense. A percepção de “vozes em proximidade” contribui para que o ouvinte sinta a presença dos personagens ao seu redor, tornando a “narrativa sensorial” extremamente palpável.

Figura 2: Transcrição dos minutos iniciais do *podcast*.



Fonte: Spotify.

A série não apenas utiliza o formato de *podcast* de maneira inovadora, mas também o discute, em um movimento de metalinguagem perspicaz. Em episódios como “02. Modus Operandi”, os personagens, como Omar Rassour e Nelson França, debatem sobre a existência de outras formas de mídia (livros, documentários, séries de TV) que abordam os crimes que eles investigam. Nelson França, com certo estranhamento, tenta compreender o que é um *podcast* (com sua fala “pock... pock... jazz?”), enquanto Omar Rassour o define de forma simples: *Podcast*. É tipo uma rádio, só que na *Internet*. Essa cena é um ponto alto, pois o próprio podcast comenta sua existência e a relação com outras formas narrativas, sublinhando a transposição midiática: de um roteiro tradicional para uma experiência de áudio imersiva em 3D, que desafia e expande a definição do que uma “série” pode ser.

Figura 3: Transcrição do *podcast*.



Fonte: Spotify.

Em “França e o Labirinto”, a arquitetura sonora não é apenas um pano de fundo, mas um elemento constitutivo e central da narrativa, atuando como um verdadeiro “cenário” auditivo que molda a experiência do ouvinte. O uso do áudio binaural é a espinha dorsal dessa construção. Ao simular a percepção auditiva tridimensional do protagonista, essa tecnologia coloca o ouvinte diretamente no centro da ação, como se estivesse fisicamente presente nos ambientes da história. Sons que vêm da direita, da esquerda, de cima ou de baixo, ruídos de passos se aproximando, sussurros distantes, o estalo de um galho ou o eco de uma voz em um ambiente fechado são percebidos com uma espacialidade e uma profundidade que transcendem a bidimensionalidade do áudio estéreo convencional. Viana (2025), em sua análise sobre áudio imersivo em *podcasts*, ressalta como o recurso binaural é fundamental na construção de narrativas ficcionais, permitindo uma imersão sem precedentes, na qual o som se torna o principal guia sensorial.

Essa tecnologia não é um elemento puramente técnico, mas um componente intrínseco à dramaturgia da série. A ausência de imagens visuais,



que em outras mídias poderia ser vista como uma limitação, torna-se aqui uma força criativa, estimulando a imaginação do ouvinte de maneiras únicas. Doc Comparato (1995; 2009), ao analisar a criação de roteiros, enfatiza a importância da construção de mundos narrativos e personagens. Em “França e o Labirinto”, essa construção é realizada primariamente através do som, exigindo dos roteiristas e da equipe de produção sonora uma maestria na evocação de cenários e emoções. A capacidade de criar suspense, tensão e alívio através da manipulação sonora é um testemunho da sofisticação da produção. A voz de Selton Mello, com suas nuances, entonações e pausas dramáticas, torna-se o fio condutor que guia o ouvinte através dos meandros da história, enquanto os sons complementares constroem a atmosfera, a tensão dramática e a profundidade emocional. Essa fusão de elementos literários (enredo, personagens, diálogos), dramaturgicos (*performance* vocal, ritmo narrativo, construção de cenas) e tecnológicos (áudio binaural, mixagem de som) exemplifica a intermedialidade em sua forma mais dinâmica e integrada, em que a mídia auditiva se torna um veículo complexo e multifacetado para a experiência narrativa, desafiando as fronteiras entre o que é lido e o que é ouvido.

A construção do tempo e do espaço na narrativa é inteiramente mediada e sugerida pelos elementos sonoros. A passagem do tempo pode ser indicada por mudanças sutis na trilha sonora, pelo ritmo da fala dos personagens, pela inserção de elementos sonoros que remetem a diferentes épocas ou pela progressão de eventos sonoros. O espaço, por sua vez, é meticulosamente desenhado pelos efeitos de ambiente: o eco de um corredor vazio, o burburinho de uma multidão em uma praça, o som de uma porta se abrindo ou fechando, o barulho da chuva caindo. Esses elementos sonoros não apenas informam o ouvinte sobre o ambiente em que a ação se desenrola, mas o fazem sentir-se presente nele, como se estivesse fisicamente inserido no labirinto da trama. Lima e Santos (2023), ao analisar as estratégias de *storytelling* em audiodramas, destacam como a manipulação do som pode criar universos narrativos complexos e envolventes, com cada detalhe auditivo contribuindo para a imersão e a compreensão da história. A percepção do ouvinte é, portanto, um ato de decodificação e construção ativa, tornando o som o principal veículo para a experiência narrativa. A riqueza de detalhes sonoros e a precisão na sua execução são cruciais para a eficácia da imersão, transformando a escuta em uma jornada sensorial e intelectual.

Visando desvendar o *podcast* como uma prática de leitura intermidiática, torna-se imperativo mergulhar no campo dos estudos da intermedialidade, um domínio que tem ganhado crescente relevância na academia contemporânea. Conforme Ghirardi, Rajewsky e Diniz (2020), a intermedialidade é um conceito-chave que aborda as intrincadas relações entre diferentes mí-

dias, especialmente em um cenário de constante atualização das formas de comunicação social. O termo, que possui uma “longa pré-história” desde seu uso pioneiro por Samuel Taylor Cole-ridge em 1812, foi retomado e ressignificado por Dick Higgins na década de 1960 e popularizado por Hansen-Löve nos anos 1990, consolidando-se como um “termo guarda-chuva” que abriga uma multiplicidade de abordagens, objetos e interesses de pesquisa (Ramazzina Ghirardi; Ra-jewsky; Diniz, 2020). Essa pluralidade de perspectivas é vista como uma riqueza, permitindo uma compreensão mais abrangente das complexas interações entre as mídias. A própria definição de “mídia” constitui um ponto de debate crucial e multifacetado. Clüver (2012) adota a perspectiva de Bohn, Müller e Ruppert (1988), que descrevem a mídia como “aquilo que transmite um signo (ou uma combinação de signos) para e entre seres humanos com transmissores adequados através de distâncias temporais e/ou espaciais”.

Essa perspectiva enfatiza o caráter dinâmico e interativo da transmissão de signos. Wolf (2011), por sua vez, propõe que a mídia, nos estudos literários e de intermedialidade, é um “meio de comunicação convencionalmente e culturalmente distinto, especificado não apenas por canais institucionais ou técnicos particulares, mas, prioritariamente, pelo uso de um ou mais sistemas semióticos na transmissão pública de conteúdos”. Essas definições, em conjunto, ampliam a compreensão de mídia para além dos veículos de massa, incluindo as artes como a dança, a música e as artes plásticas, reconhecendo-as como sistemas sígnicos com materialidades e modalidades sensoriais distintas (Clüver, 2012). Rajewsky (2015; 2020) oferece uma categorização analítica da intermedialidade que se mostra particularmente frutífera para a análise do *podcast*, distinguindo a subcategoria da transposição midiática, que se refere ao processo “genético” de transformar um texto-fonte ancorado em uma mídia específica em outra mídia, de acordo com as possibilidades materiais e as convenções vigentes dessa nova mídia (Rajewsky, 2015). É o caso clássico da adaptação de um romance para o cinema, ou de uma peça teatral para a ópera. No contexto do *podcast*, isso se manifesta na adaptação de obras literárias, roteiros cinematográficos ou peças teatrais para o formato de audiossérie, com a narrativa original sendo transposta para a linguagem sonora, exigindo uma adaptação de seus elementos para se adequar às especificidades do meio auditivo, como a ausência de elementos visuais e a primazia da voz e do som.

A imersão em “França e o Labirinto” é alcançada não apenas pela sofisticação da tecnologia binaural, mas, fundamentalmente, pela forma como essa tecnologia engaja e potencializa a imaginação auditiva do ouvinte. O ouvinte-leitor é convidado a uma participação ativa e intrínseca, na qual a escuta se transforma em um ato de cocriação. Ao invés de receber imagens

prontas e pré-determinadas, como ocorre no cinema ou na televisão, ele as constrói em sua própria mente, a partir dos estímulos sonoros cuidadosamente elaborados. Essa ativação da imaginação é o cerne da nova perspectiva de leitura que se depreende em relação ao *podcast*, um processo que Iser (1996), em “O ato da leitura”, descreveria como a atualização do potencial do texto pelo leitor, no qual o sentido é ativamente produzido na interação.

A audiossérie demonstra que a ausência do visual pode se converter em uma força poderosa, e não uma limitação, ao permitir que cada ouvinte crie sua própria versão do “labirinto”, dos rostos dos personagens, dos detalhes dos cenários e das expressões emocionais, tornando a experiência profundamente pessoal, subjetiva e única. Essa capacidade de personalização da experiência é um dos pilares da “cultura da convergência” de Henry Jenkins (2009), caracterizada pela participação ativa do público na construção e disseminação de narrativas. A escuta, nesse contexto, é uma forma de leitura que exige concentração, atenção aos detalhes sonoros e uma disposição para se deixar levar pela narração auditiva, permitindo que a mente divague e crie, preenchendo as lacunas de forma criativa e individualizada. Essa experiência de imersão e imaginação auditiva ressoa com a ideia de que a leitura não se restringe à decodificação de símbolos gráficos, mas à construção de sentido a partir de qualquer sistema sógnico.

O *podcast*, ao oferecer uma narrativa rica em camadas sonoras, convida o ouvinte a um processo interpretativo que se assemelha à leitura de um texto literário, mas com as particularidades e potências intrínsecas do meio auditivo. O “ouvinte-leitor” de “França e o Labirinto” não apenas escuta uma história; ele a vivencia, a imagina, a interpreta e, de certa forma, a reconstrói em sua própria mente, tornando-se parte integrante do processo narrativo. O sucesso da audiossérie “França e o Labirinto” é um testemunho da potência estética da escuta e da capacidade do *podcast* de redefinir os limites da experiência de leitura na era digital, transformando o ato de ouvir em um profundo e complexo ato de ler, com a subjetividade e a imaginação do ouvinte sendo ativamente mobilizadas.

## **5. O *podcast* literário como fenômeno da cultura sonora digital**

A análise da audiossérie “França e o Labirinto” sob a ótica da escuta ativa revela uma profunda transformação das práticas de leitura na era digital. O *podcast*, longe de ser uma simples extensão nostálgica do rádio, estabelece-se como um meio autônomo, inovador e de grande relevância cultural, capaz de proporcionar experiências narrativas imersivas que desafiam e expandem as fronteiras tradicionais entre as mídias e as formas de engajamento com o conteúdo. A voz, em sua roupagem digital, demonstra potência

estética, convidando o ouvinte a uma escuta ativa que se traduz em uma forma expandida e complexa de leitura.

Essa potência é magnificada pela integração sinérgica de elementos narrativos, sonoros e tecnológicos, exemplificada pelo uso do áudio binaural em “França e o Labirinto”. Essa arquitetura sonora não apenas ambienta, mas constrói de forma intrínseca o tempo e o espaço da narrativa, moldando a percepção do ouvinte e estimulando sua imaginação de tal modo que mídias predominantemente visuais dificilmente conseguiriam. Isso reforça a ideia de que a ausência de imagens pode ser um catalisador para a criatividade mental e para a imersão subjetiva. A intermedialidade, como arcabouço teórico, mostrou-se indispensável para compreender como o *podcast* opera na intersecção e na hibridização de diferentes linguagens e mídias. A audiossérie “França e o Labirinto” ilustra de forma exemplar a transposição de elementos literários e dramaturgicos para o formato auditivo, na qual a engenhosa combinação de diversas linguagens através de referências intermidiáticas constrói uma experiência por meio de múltiplas camadas de sentido, cuja interação enriquece a percepção do público.

Nesse contexto, a escuta transcende a recepção passiva e se eleva a um ato de cocriação, em que o ouvinte-leitor não é um simples receptor, mas um participante ativo que constrói e preenche o universo narrativo em sua própria mente. Essa capacidade de engajamento e imersão não apenas enriquece a experiência individual, tornando-a profundamente pessoal e subjetiva, mas também aponta para novas direções e desafios para a literatura, os estudos de mídia e a cultura digital como um todo. A potência estética da escuta, em sua capacidade de evocar, emocionar e narrar, reafirma-se como um campo fértil para a inovação artística e a contínua evolução dos modos de ler e de se relacionar com as narrativas no século XXI, consolidando a escuta digital como um aspecto crucial da cultura contemporânea.

Este estudo contribui para o campo da literatura e dos estudos de mídia ao demonstrar que a escuta ativa em *podcasts* não é uma forma menor ou substituta da leitura tradicional, mas uma modalidade legítima e complexa de engajamento textual que expande as fronteiras da compreensão literária. Ao analisar a intermedialidade presente em audiosséries como “França e o Labirinto”, evidencia-se como a fusão de diferentes linguagens semióticas – a verbal, a musical e a dos efeitos sonoros – cria uma experiência narrativa que mobiliza a imaginação de forma única, desafiando as categorizações rígidas de texto e leitor.

A investigação ressalta, assim, a importância de se considerar a dimensão sensorial e a participação ativa do receptor na construção do sentido, elementos que são intensificados no formato auditivo. Tal abordagem com-

plementa estudos sobre a recepção de narrativas auditivas e a capacidade do som de construir universos ficcionais imersivos, diferenciando-se pela ênfase na cocriação de sentido pelo ouvinte-leitor e na aplicação específica das categorias de intermedialidade de Rajewsky à análise de um produto cultural contemporâneo. Em um mundo no qual a crise da narração é discutida por autores como Byung-Chul Han (2023), o *podcast* surge como um espaço de inovação, capaz de restaurar a potência da contação de histórias e de reativar a imaginação do público.

Em síntese, a análise de “França e o Labirinto” demonstra que o *podcast* literário é muito mais do que uma simples adaptação sonora; ele representa uma transformação fundamental da experiência narrativa na era digital. Ao promover uma escuta ativa e uma cocriação imaginativa, este formato não apenas enriquece o panorama literário e midiático, mas também reafirma a vitalidade da contação de histórias em um mundo saturado de imagens. As reflexões aqui apresentadas consolidam o *podcast* como um laboratório privilegiado para a compreensão das complexas interações entre tecnologia, cultura e a experiência humana, sinalizando um futuro em que a voz e a imaginação continuam a ser pilares insubstituíveis da narrativa contemporânea, enriquecendo o arcabouço teórico sobre a definição e constante transformação das mídias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CASTRO, Gisela. Podcasting e consumo cultural. *Revista e-Compós*, n. 4, dez. 2005.
- CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Org.). *História da leitura no mundo ocidental I*. São Paulo: Ática, 1998.
- CLÜVER, Claus. Intermedialidade. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v. 1, n. 2, p. 8-23, Belo Horizonte, 2012.
- COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ELLESTRÖM, Lars. *Midialidade: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2017.

- FRANÇA E O LABIRINTO. Podcast. [S.l.]: Spotify Studios, [s.d.]. Disponível em: [open.spotify.com](https://open.spotify.com). Acesso em: 29 set. 2025.
- HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: UFSC, 2013.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L.C. (Org.). *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, L.C. (Org.). *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.
- ISER, Wolfgang. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KRAJEWSKI, Pascal. *Pictura aut poesis: histórias de hibridações e remediações*. Montes Claros: Unimontes, [s.d.].
- LIMA, Elizabeth Gonzaga; SANTOS, G. As estratégias de storytelling no audiodrama #08 “O caso de Agatha Dias!”. In: SANTOS, B.B.L.; NASCIMENTO, D.G.; GONÇALVES, L.S.M. (Org.). *(Des)coseduras a contrape-lo: estudos sobre literatura e outras artes*. Campinas: Mercado de Letras, 2023. v. 1, p. 85-100.
- LUIZ, Lucio (Org.). *Reflexões sobre o podcast*. Nova Iguaçu: Marsupial, 2014.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso; MARTONI, Alex; DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Orgs). *Estudos de intermedialidade: teorias, práticas, expansões*. Curitiba: CRV, 2022.
- TIGRE, Rodrigo. *Podcast S/A: Uma revolução em alto e bom som*. São Paulo: Companhia Nacional, 2021.
- VIANA, Luana. *Áudio imersivo em podcasts: o recurso binaural na construção de narrativas ficcionais*. Jornalismo, Florianópolis: UFSC, [s.d.]. Disponível em: [periodicos.ufsc.br](https://periodicos.ufsc.br). Acesso em: 29 set. 2025.
- WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*. São Paulo: Contexto, 2019.